

# AXIS VERTENTES

Ano VII · Edição IX  
DEZEMBRO / 2022



imagem de priscilla-perez-unsplash

A Fome de Fraternidade

Imóveis de entidades eclesíásticas -  
gestão de contratos de locação comercial

Vida consagrada:  
transformar para preservar

# Editorial

---

Olá! Nesta edição, somos convidados(as) a olhar com atenção sobre temas de âmbito nacional e mundial, mas também pessoal, de renovação. Agradecemos aos nossos colaboradores pelo conteúdo fornecido e a cada leitor(a) por receber e compartilhar a **VERTENTES!**

'**A fome de Fraternidade**' aborda uma importante reflexão sobre a realidade de milhões de brasileiros que enfrentam a incerteza sobre se vão ter comida, ou a própria fome, diariamente, e destaca o posicionamento do Papa Francisco frente ao "direito inalienável" por comida. Este é o tema, também, da Campanha da Fraternidade de 2023, que nos convida à ação social.

Outro assunto delicado é o crime de abuso sexual, infelizmente presente na vida de milhares de pessoas, entre elas: as mulheres, as crianças e os vulneráveis. '**No âmbito canônico, denúncias de Abusos Sexuais e outros – do contexto à proposta**' traz dados e a atualização e preocupação da Igreja em evitar males mais graves, enquanto busca responsabilizar os culpados pelos abusos, dentro da própria Igreja. O papel da escola e de toda a sociedade no combate a este crime é fundamental, com escuta e comunhão.

Com tantas necessidades no tempo presente, o chamado à vocação se manifesta como resposta e sensibilidade às dificuldades humanas. Em '**Vida Consagrada: transformar para preservar**', a articulista, religiosa conhecedora da realidade vocacional, nos convida a uma reflexão sobre eventuais mudanças nas congregações, para que possam "entusiasmar" novas vocações. Não existe um modelo milagroso que traga a solução; a mudança é vital e necessária.

Dando continuidade ao conceito e às reflexões sobre o metaverso, em '**O futuro da educação: Metaverso? (Parte II)**' dados científicos nas diversas áreas de neurociências, psicologia e pedagogia são abordados para o desenvolvimento destes ambientes virtuais. Ética, diversidade, equidade e inclusão são valores que deverão estar presentes no metaverso e na vida das crianças e suas famílias.

Um ponto importante em relação à gestão estratégica é a locação de bens imóveis como fonte de receita para as organizações religiosas. '**Imóveis de entidades eclesiais - gestão de contratos de locação comercial: pontos de atenção sobre a ação renovatória**' destaca, como primordial, avaliar o valor do aluguel, a médio e longo prazo, mantendo a sua importância e a sua destinação segundo o carisma da instituição.

Neste mundo marcado pelo imediatismo, egoísmo e ganância, ter a possibilidade de contribuir para a felicidade do outro pode nos trazer grande bem-estar físico e psíquico, como sugere o artigo: '**Servir gratuitamente nos traz paz, felicidade e bem-estar**'. É um convite a re-descobrirmos maneiras de vivenciarmos gestos de empatia no nosso dia a dia.

Evoluir como sociedade implica em mudanças de pensamento, que são fortemente caracterizadas pela cultura. A produção artística, literária, científica e filosófica reflete as capacidades do ser humano e a revolução do pensamento. '**Renascenças**' nos contempla com a arte e o papel de importantes personalidades do período histórico da Renascença, que nos impulsionam a reviver, nos tempos atuais, novas perspectivas de evolução.

Que estejamos abertos (mente e coração) para a diversidade, equidade, inclusão e o "bem comum" (Papa Francisco). Que 2023 nos traga saúde, paz, empatia, prosperidade e leveza. Esperamos continuar promovendo ricas reflexões com a **VERTENTES** e, contamos com a sua interação nesta **partilha!** Boa leitura e um maravilhoso ano novo!





Imagem de chingluk bas-unsplash

# VIDA CONSAGRADA: TRANSFORMAR PARA PRESERVAR

Por Ir. Fátima Simone Cremer<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> - Religiosa do Instituto das Irmãs da Providência.

## INTRODUÇÃO

Início este artigo em forma de diálogo, pois creio que o tema “vocação” apenas pode ser abordado com a atitude humilde da busca, pois devemos considerar fatores tangíveis, com a consciência de que estes são fundamentados em experiências transcendentais. A primeira preocupação é não nivelar a vocação como algo sujeito às condições sociais; em palavras mais simples, acredito que Deus continua chamando, mas sua voz não tem sido “ouvida”, portanto devemos ajudar a nova geração a sensibilizar-se com as necessidades do tempo presente a fim de compreender a importância de fazer o bem aos outros, a partir de uma experiência transcendente.

Deus revela-se na história através de tantas pessoas que colocaram sua vida a serviço da vida; cada vocação nasce da experiência de encontro com Deus, como resposta às necessidades da história; assim, a vida consagrada é resposta de Deus, portanto manifestação da ação Divina. Para iluminar tal afirmação trago presente o livro da sabedoria:

*“A sabedoria é mais móvel que qualquer movimento e, por sua pureza, tudo atravessa e penetra (...). Sendo uma só, tudo pode, sem nada mudar, tudo renova e, **entrando nas almas boas de cada geração, prepara os amigos de Deus, os profetas.**” (Cfr. Sabedoria 7, 24.27)*

Este texto sempre me renova a esperança de que Deus continua chamando, preparando os **“novos amigos de Deus”**. A certeza da ação de Deus que chama, que conta com a colaboração humana para o seu projeto, provoca questionamentos: se Deus continua chamando, por que o número dos candidatos diminuiu? Se há tanta necessidade, porque a vida religiosa parece perder o sentido para a maioria das pessoas?

### Algumas prováveis respostas

Seguramente não há uma única resposta e, muito menos, apenas uma proposta a seguir, porém expresso com convicção que devemos ter um olhar humilde o suficiente para uma autocrítica construtiva, a fim de que possamos entrar em um processo de transformação; na biologia a evolução das espécies garante sua continuidade. A vida religiosa, em modo geral, tem uma característica conservadora; com a motivação de manter a fidelidade ao carisma, tal atitude, por anos, “garantiu a preservação” porque também a sociedade era constituída de maneira mais “conservadora”; em um

período medieval, a própria Igreja tinha o “controle” sobre a estrutura social, prova disso é a organização atual das paróquias e dioceses que ainda são baseadas em uma organização proveniente do sistema feudal. Não obstante os desafios e limites de cada modelo histórico, a vida religiosa sempre teve uma expressão significativa.

Se olharmos a história da Igreja, a vida religiosa sempre se destacou pela profecia, isto é, sempre foi sensível às mudanças sociais e procurou responder segundo o próprio carisma; creio que o texto bíblico da ressurreição possa ilustrar a vocação da vida consagrada na Igreja:



*“Após a experiência do calvário a comunidade dos apóstolos estava amedrontada e, sem direção, experimentavam incertezas e medos. As mulheres discípulas vão à sepultura ungir o corpo de Jesus; chegando no “espaço dos mortos”, encontram-se com 'o vivente’”.*  
(cfr. João 20,1-18)

Madalena faz a experiência de ressurreição e corre para anunciar à comunidade de discípulos. Pedro e João correm juntos, mas João é mais jovem e chega antes; o texto bíblico relata: “João chegou primeiro ao sepulcro, viu e creu” (Cfr. João 20,3-8); segundo a exegese Pedro é o símbolo da Igreja em sua organização e estrutura, João é o amor, o carisma da Igreja, o coração que motiva. Usemos este contexto para continuar nossa reflexão, considerando que a “vida religiosa” é chamada a ser o discípulo João, que corre na frente e indica o caminho para a Igreja.

A Vida religiosa é essencialmente profética, por isso, é chamada a ter a sensibilidade de Madalena que tem a coragem de buscar o Amado no lugar onde depositam os mortos e a “leveza de João” que é capaz de correr; esta é a característica essencial da Vida Religiosa. Se olharmos a história, percebemos que a vida religiosa esteve sempre em constante movimento através de diversos “modelos”: padres dos desertos, mosteiros, ordens mendicantes, missionários, obras de caridade, escolas, hospitais etc.; sempre itinerante, a vida religiosa também tem se expressado sem a ajuda de estruturas, inserindo-se em meios pobres, em regiões de fronteiras. Apesar de seu dinamismo e serviço, algo está acontecendo e tem deixado a vida religiosa invisível, aparentemente obsoleta. “Por quê?” esta pergunta tem nos intrigados e angustiados; essa crise, às vezes, nos movimenta, porém, muitas vezes, nos paralisa.

Nos movimenta a buscar uma fidelidade mais dinâmica, capaz de atualizar a sua linguagem através de novas frentes de missão, fazendo com que nos adaptemos aos meios de comunicação, que busquemos novos modelos de fraternidade, com mais autenticidade e menos formalidades. Mas, em meio a este movimento necessário, existe o medo! Medo de perder a raiz da

própria identidade de consagrada; talvez o receio de perder o sentido profundo da renúncia dos votos e entrar em um processo de secularização hedonista. Deixar certos modelos estruturados exige uma maturidade espiritual fundada na identificação profunda com Jesus. A coragem da mudança emerge da autorrealização pessoal, isto é, ser feliz dentro da escolha feita, sem perder-se na busca de compensações secundárias de apegos afetivos, de aburguesamento, e na busca da segurança institucional oferecida por nossas famílias religiosas. A atitude de um religioso voltado para si mesmo, perdido em um narcisismo é, sem dúvida, o caminho mais seguro para a frustração pessoal e o enfraquecimento da comunidade, enquanto testemunho vocacional. A consagração deve ser uma força fecunda, não cortes inúteis que impedem nossa força vital.

Muitas vezes intuímos a necessidade de mudança, porém as tensões comunitárias podem frear estes movimentos de transformação, pelo medo do novo, pelo comodismo do “sempre foi assim”, por identificar a fidelidade carismática com formas exteriores, esquecendo que o carisma é um organismo vivo, em constante dinamismo. Dizem que existem dois caminhos para o aprendizado, um “pelo amor e outro pela dor”; chego à conclusão de que, na maioria das vezes, o método de aprendizado é aquele da dor; portanto, quero acreditar que esta crise numérica, possa ser a dor necessária para a auto avaliação pessoal e institucional, para ressignificar nossas escolhas pessoais e comunitárias. A proposta vocacional deve emergir da realização pessoal na própria opção de vida, nunca deve nascer da necessidade de “mãos de obra” para manter nossas obras, ou pessoas para administrar nossas pesadas estruturas; não é um recrutamento, mas uma busca fraterna de novos irmãos que partilhem da mesma vocação.

Não há dúvidas sobre a importância da vida religiosa para a Igreja e para a sociedade; ainda somos sinais de esperança; podemos ser “um oásis” para tantos irmãos que caminham na aridez de uma sociedade materialista, na superficialidade do “aparentar ser”; de fato, o lugar onde mais encontramos “pessoas felizes” são as redes sociais, onde a realidade é apresentada como um conto de fadas, pessoas lindas (graças à tecnologia dos filtros), lugares maravilhosos (fotografados na melhor perspectiva possível), famílias harmoniosas “vendendo sorrisos”, constantes declarações de amor e admiração aos seus entes queridos. Mas, se fôssemos “garimpar” o que verdadeiramente é real, o que realmente teríamos diante dos olhos? Perante esta realidade, podemos afirmar que a vida religiosa tem um vasto campo de missão; devemos indicar o caminho da “alegria verdadeira”, da “libertação do aparentar ser, para o SER autêntico”; transparecer de maneira fidedigna a nossa identidade carismática, para sermos “fecundos e gerarmos novos filhos”, para sermos sinal de esperança.

São vários os fatores que condicionam a escolha vocacional dos jovens, não apenas para a vida religiosa; aparentemente as escolhas estão sendo cada vez mais adiadas e flexíveis, e elas não tem mais a dimensão “permanente” das gerações passadas. A cultura atual é variada e dinâmica, constantemente em transformação; todos nós já ouvimos a expressão “sociedade líquida”; os jovens vivem em um ambiente repleto de informações, com uma variedade de princípios e valores dentro do mesmo espaço; ao mesmo tempo que isto dá uma sensação de liberdade e uma aparente tolerância, traz uma instabilidade e insegurança, quase uma descrença de que existe uma verdade objetiva, como se cada opinião pudesse ser considerada uma verdade.

Outra característica da cultura atual é a tendência a hipervalorizar o prazer, a gratificação, o se “sentir bem”, como se a experiência de felicidade dependesse da gratificação imediata. A espera é considerada apenas um atraso e a fadiga, um “mal estar”. A dor deve ser eliminada a qualquer preço, criando uma ilusão de que devemos conquistar um caminho, onde não encontremos tantos obstáculos; e quando eles aparecem, podemos nos desviar do caminho, ou até mesmo mudar de direção.

Tais características dificultam o diálogo com a proposta da vida religiosa, de seguimento a Jesus, pois falamos de renúncia de si mesmo, de sacrificar a própria vida pelos outros, de buscar a vontade de Deus para além do próprio Ego, de superar a autoreferencialidade, etc. Se fixarmos o olhar na superficialidade com “óculos” pessimistas, podemos dizer que a proposta da vida religiosa é incompatível com a “sensibilidade” dos jovens, hoje. No entanto, o ser humano traz em si a necessidade de amor; na maioria das vezes imaginamos que seremos felizes se formos amados de maneira incondicional; porém, este é um engano; apenas nos tornamos plenos quando amamos, quando enxergamos os outros em suas necessidades; este “êxodo” do próprio ego, faz com que nos abramos ao amor que o outro tem a nos oferecer. Quanto mais se ama, mais amados nos sentimos; o amor nos abre para a vida, nos desenvolve como seres humanos. Quanto mais egoístas e narcisistas, mais carentes e infelizes; o egoísmo nos fecha e deprime.

Considerando que cada vocação é, acima de tudo, uma experiência de Amor, de encontro com Deus, que é substancialmente Amor, cada jovem, não obstante a cultura atual, é um vocacionado. Todos trazem em si um profundo desejo de plenitude, de transcendência. Podemos fazer uma analogia: todo ser humano tem

sede da água pura e limpa da fonte, mas muitos ainda não tiveram esta experiência de beber água da fonte; lhes foi oferecido refrigerante, que pode ser saboroso mas que, na verdade, não elimina a sede e ainda prejudica a saúde. Como os jovens podem ter saudade da água da fonte sem tê-la experimentado?

Eis o desafio para a vida religiosa: indicar o caminho até a nascente do amor verdadeiro; para tal empresa, é fundamental ter experimentado a água pura; a mística é a “especialidade” do religioso, é como a linfa que dá a vida; vai além de qualquer rito formal; portanto, devemos ser provocadores de processos, instrumentos do chamado divino. Os jovens têm anseio e são muito sensíveis ao transcendente, muitas vezes ainda de forma primária, buscando Deus por suas necessidades afetivas, porém esta abertura pode ser uma oportunidade para iniciar um processo de encontro pessoal com o Sagrado.

A Igreja, através do Papa, nos convida a olhar com otimismo e esperança; creio que devemos ter um olhar positivo e nos concentrarmos nas possibilidades que a nova geração apresenta; o Papa Francisco tem motivado a vida religiosa a assumir seu lugar profético na Igreja; em uma conferência ele exorta:

*“Não há dúvida de que o estado de vida religiosa, sem esconder incertezas e preocupações, está cheio de oportunidades e também de entusiasmo, paixão e consciência de que a vida consagrada hoje tem sentido.”*

Entretanto, o Papa mencionou algumas dificuldades que a vida religiosa está vivendo hoje, como 'a diminuição das vocações e o envelhecimento de seus membros, os problemas econômicos e os desafios da internacionalidade e da globalização, as insídias do relativismo, a marginalização e a irrelevância social', mas – insistiu – nestas circunstâncias, 'a nossa esperança se eleva ao Senhor, o único que pode nos ajudar e nos salvar'.

Além disso, incentivou-nos a ser 'religiosos audazes, que abram novos caminhos e uma abordagem da questão vocacional como opção fundamental cristã', porque, para que o Senhor 'envie trabalhadores para a sua messe', é essencial 'trabalhar na evangelização dos jovens para que se abram ao chamado do Senhor'.

“Este é um grande desafio – assinalou o Santo Padre –, estar ao lado dos jovens para contagiá-los com a alegria do Evangelho e a pertença a Cristo”; e, para isso, reiterou, “qualquer momento pode transformar-se em um kairós.”<sup>2</sup>



Imagem de miscellany-greer-Utopia/h

2 - <https://www.acidigital.com/>, XXV Assembleia Geral da Conferência Espanhola de Religiosos CONFER, Vaticano/ 14 nov. 18.

## POSSÍVEIS CAMINHOS



Nunca devemos fazer uma pastoral Vocacional motivados pela diminuição numérica, mas sim animados pela própria alegria de sermos consagrados, sermos pessoas realizadas dentro de nossa opção de vida. Somente a partir disto poderemos ser religiosos audaciosos ao ponto de não temer as transformações necessárias, sejam pessoais, sejam as mudanças estruturais, pois estruturas hierarquizadas e antiquadas podem tornar-se um fardo desnecessário, roubando energias pessoais e comunitárias, gerando conflitos inúteis. Esta mudança não pode ser apenas um caminho interior pessoal, deve passar por um humilde discernimento comunitário, a fim de se ter a coragem de rever nossa organização e estrutura institucional; segundo a minha percepção, devemos aprofundar a identidade carismática para construir novos modelos, talvez um pouco mais “leves”, dando mais espaço para o individual e para o desenvolvimento dos dons pessoais. Muitos passos foram dados, mas temos que ter a força de avançar ainda mais, para podermos dialogar com o novo.

Houve um tempo em que as “estruturas” ofereciam segurança e expressavam a vida de consagração de maneira invariável; de certa modo “facilitavam” a vivência do chamado, treinando comportamentos para expressar determinados valores; porém, muitas vezes havia um processo de despersonalização do indivíduo, que era visto apenas como um membro da comunidade uniforme; a virtude da obediência era reduzida à submissão ao Projeto Comum, previamente decidido por um pequeno grupo “pensante”; alguns “inspirados pelo Espírito Santo” decidiam, enquanto os outros executavam; tal modelo é totalmente incompatível com uma geração educada na constante interação, provenientes de outras estruturas familiares.

As famílias religiosas têm buscado novas formas de diálogo, participação e corresponsabilidade, porém, diante de algumas situações institucionais e dinâmicas comunitárias, me pergunto se, de fato, tocamos com suficiente coragem a nossa “estrutura hierarquizada”; não me refiro apenas às obras; refiro-me à nossa organização interna, à maneira com a qual expressamos a nossa fraternidade, o modo como nos relacionamos com as pessoas, como usamos o poder; a cultura do controle hierárquico sobre o indivíduo ainda é um ranço em muitas comunidades; sem dúvida, precisamos de uma profunda conversão. Desde o concílio Vaticano II estamos buscando novas formas; a CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil) sempre tem convidado as famílias religiosas a buscar uma “maior leveza” em sua expressão, o que condiz com este novo tempo em que estamos imersos. O próprio Papa Francisco em suas homílias provoca e incentiva os religiosos a olharem o momento de crise como uma oportunidade, reiterando:

*“...a necessidade de voltar a ouvir o chamado a viver com a Igreja e na Igreja, deixando os nossos esquemas e confortos, para estar próximos das situações humanas de sofrimento e desesperança que esperam a luz do Evangelho”.*

E, ainda:

*“...o Santo Padre sublinhou 'a necessidade de sair e buscar novas presenças para ser fiéis ao Evangelho e canais do amor de Deus' e, para isso, 'a vida de oração, o encontro pessoal com Jesus Cristo, o discernimento comunitário, o diálogo com o bispo devem ser uma prioridade na tomada de decisões'.*

*Temos que viver com humilde audácia, olhando para o futuro e em atitude de escuta do Espírito, com Ele podemos ser profetas da esperança”, concluiu.*

## CONSIDERAÇÕES

A mudança é vital; mesmo que não exista um modelo milagroso que traga a solução, devemos olhar com profundidade a essência de nosso Carisma e nos perguntar como expressá-lo hoje, com maior transparência e ousadia. Muitas vezes em nome da fidelidade, podemos nos agarrar a “formatos externos”, deixando de viver com paixão a própria vocação, enfraquecendo a radicalidade da opção de vida. Devemos criar novos modelos de relação, buscar formas mais evangélicas de organizar e gerenciar nossas obras, exercer as diversas funções como serviço, nunca se identificando com eventuais “cargos” ou usar da própria profissão como status; redescobrir a capacidade de ouvir sem julgamentos, acolher cada ser humano sem a influência dos próprios preconceitos. Hoje, mais do que nunca, a nossa capacidade de atrair está na autenticidade de nosso ser, nas relações que devemos aprender a construir nos diversos espaços de encontro, incluindo as redes sociais, que não são apenas instrumentos de comunicação; a realidade virtual é um lugar de encontro, é um espaço de ação missionária.

O grande desafio é estar em sintonia com a cultura atual;

deixar hábitos e mentalidades obsoletos, sem deixar-se arrastar pelos valores e costumes que contradizem com a radicalidade de nossa opção de vida. Precisamos encantar a nova geração com a capacidade de amar, de demonstrar o quão prazeroso é doar-se ao próximo, o quanto é encantador relacionar-se com a pessoa de Jesus, o quanto a autenticidade pode fazer-nos livres e corajosos. Fascinar a nova geração com nossa capacidade de construir comunidades verdadeiramente fraternas. Creio que, mais do que multiplicar obras, ou cultivar a preocupação de mantê-las, devemos “focar” em qualificá-las, dar a excelência de nosso trabalho profissional mas, acima de tudo, oferecer atendimento humanizado, onde as pessoas não se sintam anônimas, alguém “sem rosto” em uma multidão sem direção.

Para uma mudança profunda e autêntica, não basta a conversão pessoal; se faz necessário a busca comum, colocar se corajosamente diante da própria verdade institucional e comunitária para decididamente construir novos caminhos; “o Espírito Santo faz novas todas as coisas”, é uma transformação, uma ressignificação para comunicar melhor a beleza da Vida Consagrada.



### Irmã Fátima Simone Cremer

*Do Instituto das Irmãs da Providência, fundador São Luís Scrosoppi/ Itália.  
Fiz a profissão dos votos no ano de 1995, aos 22 anos. Desde os primeiros anos contribuí na pastoral da juventude e vocacional. Trabalhei por quatro anos em uma obra Social em Açailândia/ MA. Estudei três anos na Pontifícia Universidade Salesiana/ Roma no departamento de Pastoral da Juventude e Catequese. Trabalhei 12 anos na equipe de formação inicial, sendo 8 anos como Mestra de Noviciado. Atualmente exerce o serviço de Superiora Provincial, desde o ano de 2018.*